

Bernard Daly

Boa tarde a todos,

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Dr. Alberto e ao Sr. José Simões por este tão amável convite, para vos dirigir a palavra. Apercebo-me que estão todos muito cansados, e já é tarde, e vou tentar ser o mais sucinto possível.

Eu sou o Bernard Daly, sou sindicalista no sector financeiro na Irlanda, e sou também director de um esquema de participação financeira e sou membro da federação europeia de sistemas de partilha entre trabalhadores.

Quero partilhar, hoje, convosco algumas das experiências da economia Irlandesa nos últimos anos; algumas das quais vão espelhar as vossas experiências aqui. Ambos fomos socorridos pela Troika. Tivemos que aceitar resgates. Gostaria de falar sobre a economia Irlandesa; o que aconteceu durante a crise e como é que reagimos, e porque é que eu acho que os europeus, os irlandeses e os portugueses deveriam considerar esta noção de propriedade partilhada, que se poderá ser benéfico.

Nós os irlandeses não somos muito dados a coisas técnicas. Referindo a crise global que suscitou a crise bancaria irlandesa, temos que pensar como é que esta crise global surgiu, como é que os nossos líderes, na Europa, só em Bruxelas aceitaram, uma filosofia política e ideologia económica num contexto num modelo neo liberal políticas como Ronald Reagan, Margaret Thatcher, e o modelo neo liberal, semelhantes, que levou a uma aceitação muito simplista de que os mercados se podiam auto-regular. O facto é que tal aceitação era comum entre os nossos líderes na Europa e levou a uma grande expansão do crédito internacional, que causou tantos, tantos problemas para pessoas comuns, tanto aqui em Portugal, na Irlanda, e em muitos outros países periféricos na União Europeia. Gostei de saber que o SIMA vai debater isto amanhã e que é muito importante para nós como sindicalistas perceber as razões que levaram esta crise

global, e como é que esta crise global tem tido um impacto tão negativo nas nossas vidas.

Na Irlanda, nós também somos vítimas desta crise global, que levou a um gigantesco crescimento do crédito internacional, e todos estes instrumentos financeiros, que ninguém percebia, mas que nos provocaram tantos danos.

Na Irlanda nós também somos responsáveis pelas nossas próprias dificuldades. Os nossos próprios bancários, e eu venho do sector da banca, eu próprio, envolveram-se numa filosofia de empréstimos absolutamente irresponsável. Era como pôr um rebanho de animais a atirar de uma ribanceira abaixo. Nós permitimos que isto acontecesse na Irlanda. Os nossos legisladores permitiram que isto acontecesse na Irlanda. O nosso governo permitiu; o banco central europeu permitiu que isto acontecesse na Irlanda, e as pessoas comuns, os cidadãos comuns do meu país, estão agora a sofrer e vão ter que pagar por esses gravíssimos erros.

Como eu disse, há uma falta de regulamentação, fraquíssima gestão empresarial cooperativa, e a Irlanda é um país pequeno, onde as pessoas no topo conhecem-se muito bem entre si onde houve uma aliança entre os proprietários políticos e bancários, onde todos se apoiam, criando uma ilusão de riqueza que, eventualmente, cai como um baralho de cartas, e foi isso que aconteceu no nosso país, e nós vamos pagar por isso durante décadas.

Como eu disse, devido a essas associações, ligações entre política e o sector de negócios, o governo do nosso país, garantiu, deu garantias das dívidas do sector privado, ou seja, quando os bancos tinham lucro, esses lucros iam directamente para os accionistas, mas quando tinham perdas, os cidadãos é que tinham que pagar por essas perdas. Isso criou uma situação terrível no nosso país, e levou a que o FMI e a União Europeia nos dessem o resgate de 85 mil milhões. No vosso caso foi 88 e isto levou-nos a ter que aceitar um programa de austeridade porque no ano passado nós tivemos que ser responsáveis pela dívida dos bancos. A nossa dívida fiscal era de 32%, mas também

tivemos um outro problema subjacente. Com a nossa capacidade de aumentar impostos por causa destas filosofias económicas. A base fiscal não era suficiente abrangente para sustentar as despesas governamentais. Portanto a nossa dívida fiscal é cerca de 10%, que é mais elevada do que a vossa, eu sei.

Isto são algumas palavras sobre a crise porque nós, como sindicalistas e como cidadãos europeus, temos de compreender o que aconteceu ao nível global. O que é que teve impacto sobre nós como cidadãos e nas nossas famílias.

Em termos de economia irlandesa, a nossa taxa de crescimento está negativa, e vamos crescer só muito pouquinho ao longo dos próximos 3 anos.

A nossa taxa de desemprego é 14,5%, mais alta que a vossa, mas na Irlanda, os pais continuam a manter os seus filhos nas escolas por muito mais tempo do que possível, e eu sei que também vêm a mesma tendência aqui em Portugal.

Entre 2006 e 2010, nós temos um maior aumento na nossa população, desde a fome em 1804 na Irlanda. A nossa população aumentou em 8%, e agora está a diminuir, porque muito dos emigrantes oriundos essencialmente da Polónia e dos países Bálticos estão a voltar aos seus países, e os nossos jovens, um terço da nossa população com menos de 25 anos estão desempregados, pelo menos um terço dos nossos jovens estão agora a emigrar para Inglaterra, para a Austrália, para a América e para a Nova Zelândia, e a nossa dívida nacional, vai ter um pico de 118% do PIB de 2013 e a nossa dívida fiscal é de 10%. Portanto, aquilo com que nos deparamos são programas de austeridade, programas de austeridade, programas de austeridade. Eu sei, e aqui em Portugal estão tão preocupados como nós, que a cura pode vir a matar o doente. Esta é a nossa principal preocupação como sindicalistas, porque a procura interna continua em queda livre. Portanto, como é que isto pode ajudar a situação económica, e como é que se pode pagar estas dívidas gigantescas, que os nossos cidadãos não deveriam ter que pagar. A razão disto é a força do sector

multinacional. As empresas estrangeiras na representa 80% do de fabrico e 90% da exportação e 40% dos postos de emprego e 25% dos trabalhos, embora muitos dos empregos ainda estejam no sector industrial, porque esses trabalhadores estão a sofrer muito mais do que no sector das multinacionais, e quando olhamos para a economia irlandesa é difícil, diferenciar entre os sectores, da economia paralela e das multinacionais. Têm havido cortes, redução das reformas, pensões antecipadas forçadas. Com certeza que estão a evidenciar uma coisa semelhante. Também há um programa acordado de poupanças no sector publico e estamos em tempo de despesas de capital e despesas correntes. O sector da construção caiu por terra e toda a gente que tinha um emprego neste sector da construção, está agora ou desempregado ou está a caminho de Londres, com a esperança de ter um trabalho com as olimpíadas de 2012, ou estão a caminho da Nova Zelândia para reconstruir.

As nossas firmas de construção estão realmente à procura de trabalho no exterior, e o sector local também está a sofrer drasticamente, e a nossa situação, é agravada pelos despedimentos, despedimentos que são resultantes da crise, e integrado no programa da União Europeia. Haverá ainda uma outra ronda de privatizações das empresas publicas, especialmente no sector energético. O meu colega e eu estamos no comité do sindicato dum banco, que foi encerrado no final do ano passado. O nosso acordo de reestruturação não foi na realidade um acordo de reestruturação; foi um acordo de encerramento. As pessoas que detinham o banco, que era uma subsidiária do banco Loyds no Reino Unido, precisavam de pessoas que se responsabilizassem pelo livro de registos de empréstimos, com empréstimos até 30 mil milhões de euros no sector imobiliário, e agora contratámos uma firma de serviços financeiros, que vamos reter ao longo de 5 anos, á medida que os empréstimos são pagos. Portanto, eu estou um pouco pessimista, mas quero falar sobre um outro tema, porque acredito que em tempos de crise, como aquela senhora disse e muito bem, desculpe, não me lembro do seu nome, nós temos que ser criativos e temos que pensar nas soluções alternativas para sair da crise.

Nos anos 80 na Irlanda, tivemos uma crise económica semelhante, não tão grave como esta, mas através de acordos de parcerias entre os sindicatos, entidades patronais e o governo, tornamo-nos muito competitivos, como economia. O programa de privatização, que começou na Irlanda nos anos 90, tinha subsídios europeus integrados, e como sindicalista vou explicar, por que é que nós acreditámos e continuamos a acreditar, que é uma boa ideia.

A participação financeira dos trabalhadores deveria ser integrada na análise de empresas economicamente sustentáveis financeiramente, e isto é reconhecido por toda a Europa. As empresas precisam de investidores a longo prazo e participação das partes interessadas. Estruturas industriais não têm capacidade de implementar a escala de mudanças que são necessárias. Portanto, estamos a sugerir que há um novo modelo para lidar com este tipo de crise. Porque as pessoas estão sobre tanta pressão, os sectores estão tanto sobre tanta pressão, há tanta flexibilidade, tanta mudança que tem que ser implementada. Como ouvimos muito bem hoje, que para que os trabalhadores possam fazer parte desse tipo de flexibilidade e mudanças que lhes são exigidas, têm que ter uma parcela dos dividendos das suas empresas, não só no final do mês. Eles precisam de sentir que têm realmente uma parcela dos lucros das empresas. Se olharmos para todo o mundo e qualquer economia desenvolvida hoje em dia, o regresso ao trabalho cada vez é menor, mas o retorno ao capital está em constante crescimento, e a concentração de propriedade de capital nas economias desenvolvidas é muito pequena. Então porque é que não? Porque é que os trabalhadores não deveriam ter? Nós estamos a criar toda esta riqueza, toda esta riqueza está concentrada nas mãos de uma pequeníssima minoria. Porque é que não deveríamos nós partilhar essa riqueza? Essencialmente esse é um dos argumentos da perspectiva sindicalista, mas do ponto de vista patronal os trabalhadores que detêm acções são muito mais produtivos do que aqueles que não detêm acções. Portanto, há argumentos económicos a favor desta filosofia, e também os sindicatos, têm bons argumentos que defendem esta filosofia. Assim da perspectiva dos sindicatos e isto já foi comprovado, no meu próprio país, e por variadíssimas empresas, nós temos que fazer face à realidade, àquilo que nos espera,

assumir diferentes desafios como sindicalistas, como trabalhadores. Mas deveremos assumir esses desafios com uma postura de força, e isso quer dizer não estar sempre a reagir, mas numa altura de mudança é muito importante que os trabalhadores tenham efectivamente uma influencia directa. E, por exemplo na empresa de comunicações Ercom, que inicialmente detinha 49,9% das acções dessa empresa, agora detêm 35% das acções dessa empresa e tem uma grande influência de orientação estratégica dessa empresa.

Também, há uma empresa na Áustria Metalúrgica Metal, é uma multinacional metalúrgica e os trabalhadores da empresa são os segundos maiores accionistas. Isso tem tido uma grande influencia no crescimento e na estabilidade dessa mesma empresa. Portanto, como eu digo, porquê essa partilha subsidiada, são diferentes de todos os outros sistemas, são a longo prazo, as acções são detidas colectivamente pelos trabalhadores, os trabalhadores exercem a sua influencia, as acções são detidas em termos semelhantes, portanto não temos uma situação onde os administradores detêm muito mais acções do que os operários na linha de produção. Isto é francamente positivo nos sistemas que eu mais conheço e, para além do elemento estratégico a oportunidade para prémios financeiros em situações que as empresas realmente tenham bons resultados.

Um fundo compra as acções em nome dos trabalhadores, as acções são detidas colectivamente. Só nas privatizações, na Irlanda. dariam 14,9% das acções aos trabalhadores, 9,9% adquiridas, 5% em retorno para grandes transformações, envolvendo subcontractação, acordos em despedimentos voluntários. Todas as coisas que nós já vimos em acordos transnacionais e que já foram aqui referidas, e os 9,9% seriam financiados por empréstimos, contribuições de pensões, e acordos de partilha de acções.

Isto tem sido muito bem sucedido na protecção dos interesses dos funcionários, mas e agora quando: pessoas que entram em empresas que não estão interessadas no retorno a longo prazo, querem só o retorno a curto prazo, isso pode ter consequências desastrosas para as firmas em que eles entram, porque eles entram para uma empresa,

financiam-se através da dívida, que transferem para a empresa, e deixam a empresa 2 ou 3 anos depois. Já tem os bolsos cheios e depois vendem isto.

De novo as acções são geridas por uma empresa, por um conselho de uma empresa, temos 2 da administração, 4 representantes para os trabalhadores e 1 independente. Portanto, essencialmente o que eu estou a dizer é que em termos de resultados, nós partilhamos os riscos, assim também deveríamos partilhar a riqueza. Isto é uma parceria entre entidade patronal e o empregado. Os trabalhadores são partes interessadas, são accionistas e têm uma influência no sucesso da sua empresa. Como eu disse, o relacionamento vai para além do facto do trabalhador ser assalariado. Há uma fidelização a longo prazo, um compromisso profundo. Isto tem efeitos muito positivos para relações industriais e também para a sociedade, no seu todo.

Agora em termos da Europa, porque isto não se aplica só á Irlanda, a Comissão Europeia, está extremamente preocupada com o perfil demográfico, em muitos países pela Europa fora. As pequenas e médias empresas é que dão a maior parte de trabalho aos trabalhadores na Europa. Na França e na Alemanha, estima-se que 33% dos empresários se vão reformar ao longo dos próximos 10 anos. Ora, se não houver um modelo adequado para a sucessão e a transferência de propriedade cerca de 2 milhões e 800 mil trabalhadores serão afectados anualmente. Isto é muito importante e a Comissão Europeia está a começar a aperceber-se da ideia que os trabalhadores poderiam comprar estas empresas. Claro que as empresas deveriam ser lucrativas, estar estabelecidas por mais 10 anos, acordos de financiamento para que os trabalhadores possam comprar as acções. Isto tem que ser uma melhor alternativa, do que um envolvimento a curto prazo ou o encerramento total da empresa. A transferência bem sucedida da propriedade para estas pequenas e médias empresas é vital e é essencial por razões sociais e os isop, acreditem ou não, foram concebidos primeiro na América há cerca de 50 ou 60 anos por um advogado economista que se chamava. 10 milhões de trabalhadores nos Estados Unidos, hoje em dia estão empregados por estas empresas de isop. É uma decisão racional e

económica com argumentos distributivos. A concentração da riqueza como resultado de filosofias económicas, seguidas ao longo dos últimos 30 ou 40 anos, na Europa a concentração da riqueza está numa mão cheia de pessoas e nós estamos cientes desse facto. Nós na Irlanda fizemos alguma coisa para parar com essa situação, onde os retornos para o trabalho estão cada vez mais reduzidos e o retorno do capital está em crescimento constante. Portanto, os isops têm de ser entendidos como fazendo parte da solução para esta crise económica global em que vivemos. A federação europeia de esquemas está a defender esta ideia, e para a participação financeira, o nosso colega responsável por essa área, está a promover esta ideia em Bruxelas. Posso-vos dizer que na Alemanha há um interesse crescente neste conceito do isop. Portanto, para um sindicato como o SIMA, eu diria, vocês deveriam considerar esta alternativa. Eu sei que é difícil, leva bastante tempo para que as pessoas possam assimilar esta filosofia, a filosofia subjacente dos aspectos técnicos do financiamento etc., mas é uma forma alternativa que os trabalhadores podem realmente estar envolvidos no seu local de trabalho, nas suas próprias empresas, sentir que realmente que são accionistas e os seus interesses estão muito mais alinhados com os interesses da entidade patronal. Cria Também oportunidade para manter e aumentar o numero de postos de trabalho e há uma distribuição muito mais equalitativa da riqueza em toda a comunidade. Há uma grande necessidade para formação aqui, a educação para os sindicalistas, para os empregadores, para os políticos. Eu sei que o George, na IAFP, vamos continuar a ideia a nível europeu. Esperamos que o SIMA, se envolva cada vez mais connosco porque nós achamos que isto é algo que vai crescer cada vez mais no futuro, particularmente devido a esta dificuldade de sucessão de empregos devido a maior longevidade das pessoas.